

Aspectos translíngues e imigração: o que se vê na mídia, o que se entende do outro e de si

Rosileny Ribeiro Leite¹
Nara Hiroko Takaki²

RESUMO

Este texto é um relato de uma pesquisa de iniciação científica, a qual está inserida num projeto maior intitulado Ler se lendo: tecnologias, mídia e imigração e focaliza encontros atuais de imigrantes e brasileiros pelas novas mídias. No processo de interação do eu com o outro, a linguagem constrói realidades em situações singulares. Nesse sentido, este artigo integra descrição, explicação e análise de um vídeo-reportagem na mídia considerando aspectos translíngues e multimodais relacionados à presença de imigrantes recentes no Brasil. O objetivo é investigar como a relação Brasil e imigrantes recentes corrobora práticas de linguagem, de recursos usados estrategicamente para a manutenção de determinadas forças nas relações do entendimento do outro e de si pelas diferenças. O trabalho provém de metodologia qualitativa e interpretativa e está situado na perspectiva de letramento crítico elaborado por Cervetti, Pardales e Damico (2001), Silva (2014), dentre outros, de multimodalidade por Kress (2010), Monte Mór (2010) e de noções de translíngualismo de Canagarajah (2013a, 2013b). Os resultados desta pesquisa de Iniciação Científica indicam uma visão de que o Brasil nem sempre está de “braços abertos” aos imigrantes, quando se investigam questões de língua/linguagem de acordo com as concepções teóricas selecionadas para a análise e discussão da reportagem. Infere-se, a partir daí, que é desejável ouvir o imigrante e tentar compreendê-lo em seu contexto com seus valores transculturais. Para tanto, concluiu-se que o entendimento do lugar social intensamente multimodal e translíngue em que relações de poder se movem desigualmente pode alertar telespectadores que assistem às reportagens que a mídia difunde. No âmbito educacional, mostraram-se fundamentais tanto o ensino de línguas/linguagens, de formação de professores de línguas, de usos das novas mídias quanto o componente conscientização de que as imagens de sujeitos e as realidades são socialmente criadas nas relações particulares.

Palavras-chave: Estudos críticos de translíngualismo; Multimodalidade; Imigração na mídia.

ABSTRACT

This text is the report of a scientific initiation. This scientific initiation is part of a broader research entitled Reading the other while reading myself: technology, media and migration which focus on encounters of immigrants and Brazilians on the new media. In the process of interaction between the self and the other, language constructs realities in specific situations. In this way, this paper integrates description, explanation and analysis of news video clip considering translíngual and multimodal aspects related to the presence of immigrants in Brazil. The aim is to investigate how the relationship between Brazil and recent immigrants corroborates practices of language, of resources strategically used to maintain certain forces in the understanding of the relationship between the other and myself through differences. This work comes from a qualitative and interpretative methodology and is situated in the perspective of critical literacy developed by Cervetti, Pardales and Damico (2001), Silva (2014), of multimodality by Kress (2010), Monte Mór (2010) and notions of translíngualism by Canagarajah (2013a, 2013b). The result of this research of Scientific Initiation indicates a vision that Brazil does not always show "open arms" to the immigrants, when one investigates questions of language in accordance with the concepts selected and language to the analysis and discussion of such piece of news. It is inferred that listening to the immigrant to try to understand him/her from within his/her context with his/her transcultural values is desirable. For that, understanding the social place which is highly multimodal and translíngual, in which relations of power move unevenly can enhance the audience's ability to watch news widespread by the media. In the educational field, the teaching-learning of languages and language teacher education, uses of the new media, awareness of the fact that the subjects' images and realities are socially constructed within specific relations proved to be relevant.

Keywords: *Critical Studies of translíngualism; Multimodality; Migration on the media.*

¹ Aluna de Letras da UFMS, bolsista de Iniciação Científica CNPq – PIBIC 2017. Agradecemos ao CNPq pela oportunidade.

² Docente da UFMS e orientadora deste trabalho.

INTRODUÇÃO

Observa-se que o Brasil vem atraindo um número cada vez mais significativo de imigrantes oriundos de países que passam por crises políticas, religiosas, catástrofes naturais, guerras militares e civis. Assim, buscar compreender a relação entre imigrantes, linguagem e mídia mostra-se relevante para a ampliação de pesquisas no âmbito das linguagens, na perspectiva educacional.

Há uma relação entre esses elementos que permeia o campo da compreensão humana, dos conflitos e do entendimento do outro e de si. Essa relação é apresentada neste relato de pesquisa de Iniciação Científica (doravante IC), que versa sobre aspectos multimodais, *translíngues* e transculturais relacionados a uma reportagem produzida por um canal brasileiro sobre a presença de imigrantes recentes em São Paulo/SP. O objetivo aqui é analisar o vídeo-reportagem intitulado: “De braços nem tão abertos”, produzido pelo programa Repórter Brasil – Sala de Notícias, do Canal Futura e divulgado no site *Youtube*³, em 12 de março de 2012, que traz uma reportagem sobre a jornada dos imigrantes no Brasil em busca do visto de permanência e da garantia de seus direitos.

O trabalho emergiu de metodologia qualitativa e interpretativa e baseia-se nas autoras que discutem conceitos de multimodalidade (KRESS; SELANDER, 2012; MONTE MÓR, 2010) de translingualismos (CANAGARAJAH, 2013a, 2013b) e que são transpassadas por noções de letramento crítico (CERVETTI, PARDALES, DAMICO, 2001; MENEZES DE SOUZA, 2011; SILVA, 2014), dentre outros.

O início traz uma breve contextualização da reportagem, apresentação geral de conceitos-chave que subsidiam a análise e a discussão de dois pontos fulcrais: como as escolhas multimodais e translíngues no conjunto da produção significam? Como entendemos criticamente a construção de sentido suscitada pelos membros do vídeo.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DA REPORTAGEM

A reportagem tem o título: “De braços nem tão abertos”, produzida pelo programa Repórter Brasil – Sala de Notícias, do Canal Futura e divulgado no site *Youtube*⁴, em 12 de março de 2012. Com duração de 14 minutos e 26 segundos, acumulou, até a data de produção deste artigo, aproximadamente, 5,5 mil visualizações e tem na descrição do *Youtube* a seguinte explicação, de modo a introduzir a linha editorial do canal:

Com a economia aquecida, o Brasil vem atraindo um número cada vez maior de imigrantes. Apesar de o país ser tido como uma nação que recebe os estrangeiros de braços abertos, a verdade é que muitos sofrem com a burocracia da Polícia Federal para conseguir o visto de permanência. A dificuldade que os imigrantes em situação irregular enfrentam para obter o documento brasileiro oficial é o principal assunto deste programa. Mas ele também lança um olhar sobre outros desafios que os estrangeiros ainda enfrentam para consolidar a plena cidadania no país, como a conquista do direito ao voto. “De braços nem tão abertos” nos leva a inferir que, independentemente de qual seja a temática abordada na reportagem, o espectador terá a noção de que não há uma completa aprovação ou aceitação de alguém pelo outro. O vídeo-reportagem trata da receptividade e do tratamento dados aos *imigrantes* no Brasil a partir de 2012.

³ Vídeo-reportagem disponível no endereço: <<https://www.youtube.com/watch?v=wEc8kXqcYE4>>.

⁴ Vídeo-reportagem disponível no endereço: <<https://www.youtube.com/watch?v=wEc8kXqcYE4>>.

2. PANO DE FUNDO TEÓRICO

Antes de procedermos à análise da reportagem, convém tecer considerações a respeito de práticas translíngues. O fato de que a linguagem é um fenômeno que produz vários significados relacionados a determinados contextos socioculturais (BAKHTIN, 1997) já parece consenso na academia, pelo menos entre as epistemologias concebidas por pesquisadores de temáticas sobre transculturalidade, letramentos, ensino de línguas/linguagens, tecnologia com preocupações educacionais.

Nesse raciocínio, práticas monolíngues estão sendo questionadas. Muitos povos do mundo afora, a exemplo dos nativos em Sri Lanka, sempre foram translíngues e transculturais, argumenta Canagarajah (2005). As línguas nativas desses povos participavam da reconstrução de suas identidades em meio à diversidade coletiva, reconhecendo e promovendo fluidez de sentidos e contatos de humanos com elementos do universo.

De acordo com Menezes de Souza (2006), a multimodalidade, isto é, o intenso uso de imagens, gestos, sons, animações, espacialidades etc., nos estudos atuais de línguas/linguagens, também já estava presente na comunicação dos povos indígenas no Acre.

É fato histórico a imposição de certas línguas ditas modernas com valores culturais específicos que as acompanham e que culminaram no apagamento das práticas translíngues dos nativos. Entretanto epistemologias atuais têm se dedicado a recuperar estratégias para a expressão de visões de mundo, de particularidades identitárias e de pertencimento, enfim, de interesses ligados às questões de raça, etnia, classe, religião e gênero na complexidade da relação intrínseca entre o eu e o outro, ambos coletivos. Esse quadro se complexifica com o intenso fluxo de imigrantes, de deslocamento de capitais, de produtos, de tecnologias, de saberes e de modos de vida em que a convivência com a alteridade é constantemente posta em jogo e, por isso mesmo, produtora de mudanças.

No mundo digital, segundo Takaki (2012), as mudanças estão cada vez mais presentes e merecem estudos de letramentos em que a ambiguidade e a incerteza parecem ser as normas. As construções verbais, sonoras, gestuais, visuais, sinestésicas, presentes no vídeo-reportagem “De braços nem tão abertos” podem ser entendidas como construções multimodais (KRESS; SELANDER, 2012), nas quais a escrita é apenas uma das modalidades para a produção de sentidos. O citado autor lembra que as estruturas visuais se assemelham às estruturas linguísticas, visto que aquelas engendram interpretações particulares da experiência diária, além de se constituírem formas de interação social, dado que amplia a renegociação de significados.

Amparamo-nos também nos estudos de Monte Mór (2010), pois assumem a multimodalidade como novas formas de interação e uso da linguagem em sua convencionalidade (materialidade da língua) e multimodalidade (língua escrita + visual + corporal), nos modos de construção de conhecimento, nas interações sociais, nas formas de expressão, de ler e perceber o mundo. Essa percepção serve como orientação de cunho educacional que possibilita a expansão das visões e ações escolares e sociais.

É nessa complexidade que a questão do translingualismo precisa ser reconhecida. Seria mais fácil dizer o que o translingualismo não é. Está longe de ser um conceito redondo e estático e não diz respeito à universalização de sentidos, à linearidade de ensino-aprendizagem, à hierarquização rígida de relações humanas e à separação entre natureza e cultura. Essa lista se estenderia *ad infinitum*, mas preferimos, agora, focar as características do translingualismo.

Apreendemos que o translingualismo é ou deveria ser uma escolha de se viver e que, antes de mais nada, o reconhece e o legitima como um fenômeno natural e inerente às formas de comunicação e de expressão do homem, de sua socialização com outras culturas e a natureza, em espaços urbanos e rurais, em qualquer tempo-espaço, mesclando materialidade e não materialidade, sinestésias e sensações.

Nesse sistema de sentidos dinâmicos, caráter translíngue não celebra essa diversidade e muito menos o vale tudo. Ao contrário, essa prática complexa, que não está pronta, pois emerge de situações específicas, preocupa-se com diferenças de poder, continuidade histórica, desigualdades de toda ordem, justiça social, espaço para imprevisibilidade, paradoxos, riscos neoliberais na formação cidadã, problematização permanente de seus próprios pressupostos, princípios e atividades, sem dicotomizar teoria e prática ou norma culta e variedades.

A prática informa as teorias e a necessidade de engajarmos nas interações com outras estratégias de forma colaborativa e aberta às diferentes formas de ver o mundo e que podem promover maior participação social em prol do conhecimento e das mudanças sustentáveis, assumindo a língua/linguagem como processos de se fazer algo e seus porquês, com reflexões sobre as consequências sociais e educacionais de tais modos.

Além disso, o translingualismo, entendido como processo, possibilita estar com a diferença, com o outro e fazer coisas com esse outro, contagiando e sendo contagiado. A ampliação da compreensão desses modos de se contagiar e ser contagiado pela diferença revitaliza as práticas translíngues. É assim que as percebemos.

Nesse sentido, entendemos que os estudos atuais de linguagens estão voltados para as mais variadas modalidades complexas presentes em todas as formas de comunicação e interação, propondo análises de materiais pedagógicos na ótica da multimodalidade (KRESS; SELANDER, 2012; MONTE MÓR, 2010) de translingualismos (CANAGARAJAH, 2013a, 2013b) e que são transpassadas por noções de letramento crítico (CERVETTI, PARDALES, DAMICO, 2001; MENEZES DE SOUZA, 2011; SILVA, 2014), dentre outras. Decidimos por tecer mais sobre essas últimas noções de letramento crítico a seguir.

3. ANÁLISE DO VÍDEO-REPORTAGEM

Ao atentarmos para o vídeo-reportagem “De braços nem tão abertos”, três pontos chamam a atenção: I) a trilha sonora, II) as tonalidades de cores das imagens e o jogo de imagens exibidas em conjunto com cartazes GC’s⁵ e arte-ilustração, que enriquecem a produção com informações em linguagem escrita em meio à visual e III) o efeito de desfoque de fundo⁶, nas imagens, seja nelas por completo ou em suas bordas superiores e inferiores.

Cada pessoa que assistir ao vídeo, ouvir a trilha sonora e/ou ler as informações nos GC’s e nos quadros de arte-ilustração atribuirá sentidos distintos, correlacionados ao contexto a partir do qual está inserido, conforme orientações de Bakhtin (1997), para quem os significados, as interpretações não são únicas, não são engessadas e são passíveis de construção na interação.

⁵ Em linhas gerais GC’s são os créditos que aparecem na tela, como nome dos entrevistados, do repórter, títulos, legendas etc.

⁶ O nome correto dessa técnica é profundidade de campo, porém é muito conhecida como *boken* e mais popularmente como “desfocar o fundo”. (Disponível em: <<http://www.verenafotografia.com/tudo-sobre-o-diafragma/>>. Acesso em 28 jun. 2017.

Cabe aqui concordarmos com Azzari e Lopes (2013), ou seja, para a interpretação dos textos multimodais, consideramos aspectos como escolha lexical, estruturação do texto, esferas de produção e circulação, imagens e cores utilizadas e a constituição do discurso. Os recursos organizados no discurso multimodal de um vídeo-reportagem são semelhantes aos de um videoclipe. Com base nos estudos de Mozdzenski (2013, p. 104), elencamos alguns deles:

a) textos verbais essenciais: letras das canções (canção = letra + melodia); b) textos verbais acessórios: por exemplo, diálogos incidentais ou elementos; c) textuais gráficos integrantes das imagens do próprio videoclipe; d) componentes paratextuais: créditos e textos informativos que acompanham marginalmente os clipes, inseridos pelos canais televisivos, tais como nome do artista, título da canção e do álbum, gravadora, diretor do vídeo, logotipo do canal, etc.; e) música: organização melódica, rítmica e harmônica das canções; f) sons eventuais [...]; g) imagem: cor, iluminação, angulação e velocidade de câmera, montagem e edição, layout da tela, e uma série de outros modos semióticos imagéticos que lhe são característicos.

O primeiro item dessa análise é a trilha sonora do vídeo, que é um conjunto de operações dinâmicas multimodais, pois há a união de ritmo (*rap*), músicas (Pássaro Imigrante e Meio Confuso) e intérpretes (Dj Yoka e Mc Indigesto).

O gênero *rap*⁷ é a trilha sonora do vídeo do começo ao fim, pode ser considerado o ‘acabamento’ do produto audiovisual, pois em vários trechos do vídeo não há letra, somente a melodia. Em outros trechos, há a edição de áudio que faz a “mixagem distribuindo a letra (linguagem verbal) no contexto do ritmo (linguagem musical)” (NECKEL, 2005), sugerindo movimentos mais brandos e certa lentidão que “embala” a passagem das cenas.

As duas músicas “Pássaro Imigrante” e “Meio Confuso” compõem a trilha sonora, e elas são tocadas ora só pela melodia, ora com letra. Elas são *raps*, de autoria de dois *rappers*⁸ jovens, Yoka e Mc Indigesto⁹.

O *rap* é uma expressão musical, uma forma de multimodal que fomenta a reflexão e a inferência de discursos sobre a realidade e o contexto da vida social. Assim, partindo dessa observação, no vídeo-reportagem a utilização do *rap* como trilha sonora, seja com a letra cantada ou apenas com a melodia, reforça o objetivo do produtor de levar o espectador a refletir (ou não) sobre o que lhe é exibido.

A trilha sonora proporciona um reforço à reflexão sobre a condição de vida dos *imigrantes* no Brasil. A letra da canção remete a uma concatenação de ideias e sentidos com as entrevistas, cartazes e depoimentos do vídeo, como veremos mais adiante.

O *rap* é um texto que quebra paradigmas para quem costuma assistir às reportagens mais padronizadas em edição e recursos sonoros, ou seja, na reportagem analisada não há padrão “global

⁷ O *rap*, “sigla derivada da expressão *rhythm and poetry*”, baseia-se na junção do aspecto verbal da poesia moderna e do ritmo que, como mencionado, é o único elemento musical necessário para a composição. Ele faz parte do chamado Movimento Hip-Hop, que se materializou via três campos da arte: *breakdancing* (a dança do hip-hop), *graffiti* (a pintura do hip-hop) e *rap music* (a música do hip-hop). O *rap* é um gênero musical que surgiu na década de 1970, nos Estados Unidos, como expressão de uma parcela da comunidade negra para expor problemas sociais e raciais enfrentados por ela no contexto em que viviam.

⁸Que compõe e canta *rap*.

⁹Nomes artísticos. São brasileiros que vivem em Barcelona, na Espanha. Em 2010, eles se encontraram para rimar, dando origem a uma série de composições, das quais algumas foram selecionadas e organizadas em um LP, denominado: Pássaro Imigrante, do Mc Indigesto com participação do Yoka, que também é Dj e produtor musical.

¹⁰, no tipo de suporte utilizado (vídeo), a escrita e as imagens não são mais predominantes para a produção de sentidos, porém há significações possíveis, “escondidas” numa simples trilha sonora.

Vejamos a letra da canção *Pássaro Imigrante*, conduzindo à significação de que o pássaro em questão é o cidadão *imigrante*:

Venho de imensas ruas, a terra promete/ Aqui eu sou mais um contra os marionetes/ E os patos vão para o Sul, papagaio repete [...] Minha liberdade, meu público gero/ Meu passaporte é mero, detalhe zero. [...] Num mundo distante, nada é como antes/ Hora de se desprender do bando/ *Pro* alto e avante/ Pássaro imigrante.

Entendemos que “venho de imensas ruas” diz respeito ao ato de peregrinar atrás de direitos, de atenção, de um documento (visto) que assegure ao imigrante continuar a busca por uma nova vida num país distante do seu aludido em “mundo distante, nada é como antes”.

“Papagaio repete” seria o grupo de servidores do governo que emite respostas mecanizadas e automatizadas aos imigrantes que buscam o visto de permanência. “Meu passaporte é mero, detalhe zero” nos dá a impressão de que esse documento tão importante é tratado como algo um pouco insignificante, pois muitos imigrantes dependendo da condição que chegam ao Brasil, nem passaporte possuem. O documento seria apenas um detalhe no contexto de vida do imigrante.

As letras dos *rap's* utilizadas no vídeo têm uma composição poeticamente tratada, como um discurso multimodal que ‘casa’ com o tema da reportagem em roteiro e montagem, gerando (mais ou menos) facilidade para os efeitos de sentido e significações por parte de quem assiste ao vídeo, que são, por exemplo, a impressão de aproximação, de criar um ‘laço’ sentimental e solidário com o imigrante, como se pudéssemos compreender melhor o que ele sente e tem passado na sua peregrinação em busca da permanência legal no país.

Sobre a multimodalidade musical na reportagem e respondendo ao nosso questionamento no início deste texto: como as escolhas multimodais e translíngues no conjunto da produção significam?, reconhecemos que a diversidade multimodal do vídeo é fundamental para a produção de sentidos, propiciando a abertura para múltiplas interpretações (MONTE MÓR, 2010).

Conforme a referida teoria, a multimodalidade é uma questão antiga, mas que prescinde de mais investigações pelo fato de demandar habilidades de leituras periféricas e simultâneas online que influenciam as epistemologias e as tomadas de decisão no campo educacional. Essa preocupação que combina multimodalidade e construção de sentido educacional passa por todos os atos comunicativos e interativos produzidos e veiculados pelo meio impresso e digital.

Observamos que, em toda a reportagem, as cenas foram filmadas em locais predominantemente abertos, ao ar livre, aparentemente no centro de São Paulo, pois percebemos a grande movimentação das pessoas nas calçadas, praças e em alguns GC’s¹¹. Nesse ambiente, vale destacar a relevância de se desenvolver letramento multimodal, espacial e crítico. É a caracterização da espacialidade pública e complexa em que o imigrante se vê com todos os desafios: língua, pessoas, autoridades, burocracias, sentimentos, relações, negociações de sentido, dentre outros sugeridos pela tonalidade acinzentada das cenas que faz uma combinação com os prédios também cinza-cimento, com o asfalto escuro e com os pisos das calçadas concretados.

¹⁰ Inferência ao padrão jornalístico da Rede Globo.

¹¹ São os créditos que aparecem na tela, como nome dos entrevistados, do repórter, títulos, legendas etc.

Há cenas acinzentadas do começo do vídeo e em vários outros momentos na reportagem que ficam mais evidentes. O desfoque das imagens ou de parte delas, nas bordas superiores e inferiores cinzas, é um recurso de edição, cujo efeito induz quem assiste à sensação de ser uma reportagem mais séria, dramática e deprimente. No caso das cenas acinzentadas em que aparecem a personagem Cecília Lumbreiras, a protagonista, a sensação é de solidão, carência e tristeza. De acordo com a pesquisa de Andrade (2016, s/p), a cor cinza tem associações materiais e efeitos marcantes, como, por exemplo:

Associação material: Pó, chuva, ratos, neblina, máquinas, mar sob tempestade. Associação afetiva: Tédio, tristeza, decadência, velhice, desânimo, seriedade, sabedoria, passado, finura, pena, aborrecimento, carência vital. [...] Simboliza a posição intermediária entre a luz e a sombra. Efeito: É a expressão da neutralidade. Pode representar indecisão e ausência de energias.

Inclusive, o tom de cinza aparece também nas roupas das pessoas que transitam pelas ruas do centro e, em especial, na cor do terno que é utilizado pelo delegado da Polícia Federal (doravante PF), Diogenes Souza.

Vestido de terno cinza claro, gravata de listras transversais em tom de cinza, branco e preto, o delegado aparece sendo entrevistado em uma sala, com luminosidade média, sentado, com os braços apoiados sobre a mesa. No fundo, um *banner* grande, de fundo branco, em que há o brasão da PF e a nomenclatura impressa em caixa alta e cor preta: Polícia Federal.

O enquadramento da imagem do delegado é de canto, no qual ele aparece sendo filmado na altura dos ombros e posicionado à direita da tela de quem assiste, ou seja, em uma composição visual para dar destaque ao entrevistado. Sobre essa técnica de enquadramento da imagem, temos que é um fator influenciador, pois fica posicionada em local de destaque na leitura visual, conforme teoriza Brandão (2006, p. 100):

[...] a tela divide-se em 4 zonas, sendo que a trajetória do olhar segue apenas 2 destas zonas, ou seja, vai do canto superior esquerdo direto para a parte inferior direita da interface gráfica digital¹². As outras 2 áreas (canto superior direito e parte inferior esquerda) são consideradas como zonas mortas e quase não despertam a atenção dos olhos. Para um indivíduo perceber a informação contida nestas zonas mortas, será necessária uma exploração visual mais consciente e demorada.

Por sua vez, o terceiro item (III - o efeito de desfoque de fundo, nas imagens, seja nelas por completo ou em suas bordas superiores e inferiores) constitui um recurso de filmagem e de edição visual, muito explorado do começo ao fim da reportagem. Ao assistirmos as imagens com desfoque de fundo, temos a noção de que seu autor utiliza esse recurso quando quer dar destaque a uma pessoa em primeiro plano, ao olhar de algum personagem ou a frase de cartazes e faixas que aparecem nas mãos de pessoas durante manifestações nas ruas em apoio aos *imigrantes*.

O efeito de desfoque de fundo também é utilizado associadamente nos momentos em que é cantada a letra da canção “Pássaro Imigrante”. Logo, na leitura dessas cenas, percebemos que o autor direciona a atenção do interlocutor para o que *rap* está dizendo por meio do desfoque nas imagens.

Vários são os momentos em que Cecília Lumbreiras aparece no vídeo, sendo entrevistada, posicionada sempre à direita da tela, assim como o delegado, em que as bordas estão desfocadas e a

¹² Entendemos interface gráfica digital, como a tela do computador ou da televisão, em que assistimos ao vídeo.

lente da câmera focaliza bem o olhar da entrevistada, seus passos e toques entre suas mãos que demonstram um pouco de nervosismo e ansiedade.

Entendemos que esses gestos associados à tonalidade acinzentada das imagens, à trilha sonora melodiosa do *rap*, ao olhar cabisbaixo da protagonista trazem uma significação e interpretação de que ela, enquanto imigrante, representante dos demais no vídeo, tem uma vida sofrida em busca do visto permanente no Brasil.

Já nas duas cenas em que o delegado concebe uma entrevista, não há qualquer tipo de desfoque na imagem e também não existe trilha sonora. Logo, temos a impressão de que a cena com ele é mais séria, dura e sem sentimentalismo, em oposição aos demais momentos da reportagem. Esse jogo de imagens, composição, enquadramento e profundidade de campo são cruciais para o reconhecimento de como os aspectos multimodais e translíngues são complexos, o que contribui para o exercício de letramento crítico na formação de quem interage com o vídeo.

Ao analisarmos o vídeo-reportagem, notamos e reforçamos o entendimento dos aspectos translíngues e multimodais que acompanham o processo de desenvolvimento do olhar crítico. Reiteramos a importância da conscientização de como a mídia recorre a recursos e estratégias complexas para tentar atingir seus objetivos. Essa prática de leitura de vídeo conectado ao mundo atual, no nosso entorno já diz respeito a uma prática educacional de letramento crítico.

Para o letramento crítico, como prática social elástica, engajar-se cultural e sensivelmente com o cenário de diferenças de sentidos (como a da imigrante e a do delegado) insurgentes do mundo digital torna-se um processo de entendimento de uma relação, ou seja, da autoconfrontação de si mediante o confronto com o outro como uma forma de viver em sociedade. São as diferenças linguístico-culturais, sociais e políticas que mantêm o jogo dinâmico das relações e, por isso mesmo são capazes de mudar posições e situações convencionais.

Nessa linha epistemológica, o letramento crítico assume que a consciência de tais diferenças são produtos de histórias e comunidades diferentes, cujos interesses, valores e práticas sociais estão presentes nos discursos e posicionamentos do delegado da PF, de Cecília Lumbreiras, dos músicos, dos profissionais responsáveis pelo vídeo-reportagem, das autoras deste texto e de seus possíveis leitores.

A esse respeito, Menezes de Souza (2011, p. 01) ensina que: “se todas as partes envolvidas no conflito tentassem ler criticamente suas posturas, procurando compreender suas próprias posições e as de seus adversários, há a esperança de transformar confrontos difíceis e problemáticos”. Trazemos à tona, nessa apreensão de educação translíngue e transcultural crítica, a relação que pode se estabelecer entre a tentativa de diminuir conflitos por meio da linguagem e multimodalidade e das relações de entendimento do outro e de si pelas diferenças.

Com esse pressuposto teórico, analisando outro recorte da reportagem, percebemos que não há neutralidade no texto, como no dizer do entrevistado Diogenes Souza, delegado da PF em São Paulo, quando questionado pelo repórter sobre a forma como os *imigrantes* são atendidos ao procurarem o Departamento de Imigração da Polícia Federal.

Tal indagação foi feita a ele devido à imigrante Cecília Lumbreiras confessar ao repórter que foi tratada de maneira diferenciada ao procurar o departamento e estar acompanhada de uma equipe de reportagem. Ou seja, ela não foi atendida por um funcionário terceirizado despreparado, que a fizera

retornar várias vezes, exigindo novos documentos, mas que depois de apresentados, foram desnecessários.

Cecília ao ser acompanhada pelos profissionais da reportagem recebeu o atendimento de um policial capacitado e reclamou afirmando que no local em que mora: “Não tem nem água. Não tem nada. Estamos abandonados, nas mãos de Deus”. O delegado, como citamos anteriormente, posicionado no vídeo de forma a dar a impressão de ser alguém superior, por sua vez disse:

Existe sim, nós trabalhamos com um pessoal terceirizado no atendimento, na função de atendimento. A análise e a decisão a respeito dos processos e dos pedidos eles são feitos por servidores, né. Então, quem decide se aquele processo, aquele requerimento foi deferido ou indeferido é um servidor, um policial que vai analisar as exigências legais, não existe subjetividade nessa análise. A análise é objetiva. Agora, obviamente, é cheio, pois na verdade ele trabalha com uma capacidade de atendimento muito boa, então você tem um movimento grande. Na verdade, não é cheio porque é tumultuado, cheio porque não tem atendimento. Na verdade, é cheio porque se atende muitas pessoas (Excerto do Delegado).

Percebemos, nessa fala, que há reflexos das hierarquias de poder, cujo topo decide o que conta como mão de obra barata, no caso a terceirizada. O discurso do delegado também nos leva a refletir que, dependendo do ponto de vista de quem atende esse cidadão, emprega-se a palavra imigrante ou estrangeiro. Ou seja, pensemos da seguinte forma: quais palavras usar para se referir a alguém que não pertence ao mesmo país que o meu, sem ofender ou rotular pré-concebidamente esse indivíduo? Para o letramento crítico, a contingência faz parte da relação desigual de mutualidade no uso da linguagem, marcando a diferença.

Complementando esse raciocínio, valemo-nos aqui da argumentação de Takaki (2012, p. 26): A linguagem do jogo, tal como a linguagem que utilizamos na comunicação humana é ao mesmo tempo graciosa e violenta, ou seja, um gesto de *hospitalidade* à heterogeneidade sociocultural pode em segundos ser interpretado como hostilidade.

Assim, entendemos que a linguagem é socializante, maleável e heterogênea (BAKHTIN, 1997), conforme já mencionado. Entretanto não é porque o indivíduo saiu de seu país de língua materna e foi recebido em outro país de forma amistosa que tem a garantia de que será compreendido, de que todos o interpretarão da mesma forma. Percebemos a existência de uma forte relação de poder demonstrando o reflexo dos interesses governamentais diante das relações sociais. Há um distanciamento social muito grande no tratamento “igualitário” entre brasileiros e *imigrante*.

Então, essa relação Brasil e *imigrantes* recentes e suas diferenças podem ser conectadas com o pensamento de Freire (2005) ao tratar do processo de desenvolvimento da consciência crítica: Nunca estamos sozinhos, nossos significados, valores e escolhas originam-se nas coletividades, nas comunidades em que estamos inseridos e, portanto, é preciso aprender a escutar/ouvir, ou seja, [...] no fundo, não é falando que eu aprendo a falar, mas escutando que eu aprendo a falar (FREIRE, 2005, p. 252 *apud* MENEZES DE SOUZA, 2011, pp. 01-02).

Os discursos em torno da relação Brasil e *imigrantes* são influenciados pelos valores locais e os contextos, nos quais os indivíduos convivem com seus valores, suas línguas de origem e o português. Mas, para avançarmos nos estudos, ater-se aos discursos sem levar em consideração aspectos multimodais e translíngues com abertura para a construção crítica de significados, a qual se abre e se movimenta contextualmente, poderá não mais fazer sentido para um mundo que exige constantes retraduições transculturais.

Como vimos no vídeo, não é somente o indivíduo que migra, pois ele é um agente de mobilidade transcultural e translingual. Assim, onde o imigrante estiver irá gerar impacto nas relações consigo e com o *outro*, nas formas de comunicação, nas práticas híbridas de uso da língua e na sua identidade social e crítica.

Desse modo, entendemos que a reportagem e as canções no vídeo narram acontecimentos de um povo *imigrante* representado por personagens ora entrevistados, ora apenas filmados, que têm uma relação exclusiva com seu território de origem, com sua língua, com sua cultura, mas que, ao imigrarem, passam por um processo contínuo de ressignificações, de novas formas de comunicação translinguais, de conhecimento e de hibridação intercultural (MAIA, 2013, p. 61).

Dessa forma, retomando o sentido do enunciado do título do vídeo: “De braços nem tão abertos”, o uso das expressões *estrangeiro(s) ilegal(is) e imigrante(s) em situação irregular*” na análise multimodal e translíngue está relacionado à produção de sentidos e suas implicações diante do uso das expressões como *estrangeiro(s) ilegal(is) e imigrante(s) em situação irregular*.

Percebemos que, no referido vídeo, a produção da reportagem optou por utilizar nos quadros de arte-ilustração os termos: “*imigrantes em situação irregular*”. No entanto, no início do vídeo, o locutor durante o *off* utiliza a expressão: “*estrangeiros ilegais*”, que seriam aqueles que ainda não têm o visto de permanência e/ou entraram de forma ilegal no país, sem passaporte ou outro documento que comprovasse sua chegada convencional ao país. Diversas são as vezes em que as palavras *imigrantes* e *estrangeiros* aparecem, ora nos dando a impressão de sinônimas, ora se distanciando uma do contexto da outra.

Vejamos essa ocorrência, por exemplo, nos enunciados:

a) Em 2009, o então presidente Luiz Inácio Lula da Silva sancionou uma lei de anistia aos *imigrantes em situação irregular* no Brasil; b) No fundo a gente tem um mal genético aí que é o Estatuto do *Estrangeiro*, a Lei nº 6.815, de 1980, que disciplina todo o tratamento que se dá ao *imigrante*, ao *estrangeiro* aqui no Brasil; e c) A Lei é muito clara, as exigências muito tranquilas. Então né, é muito claro para nós que a questão da renda, ela não é uma questão que causa dificuldade ao *estrangeiro*.

Por essas observações, compreende-se que o estrangeiro, em particular o imigrante que se estabelece em outro país, que possui uma legislação específica, por estar com *status* de “estranho”, sem sua documentação regularizada no país, acaba por ser associado à figura de um imigrante ilegal. Ou seja, se ele for rotulado “estrangeiro” é como se ele, mesmo sem documentação, fosse alguém menos estranho ao país, à sociedade. Já, se ele receber a titulação “imigrante”, aparenta ser alguém que veio como refugiado. É apátrida¹³, é indesejável.

A palavra *imigrante* aparenta remeter à significação mais pejorativa desse estrangeiro, que pode vir a suscitar um sentimento de xenofobia quando referenciada às questões de nação, etnia, raça, classe, religião etc. *Imigrante* é uma palavra que passou a ser utilizada com mais frequência que *estrangeiro*. Essas são possíveis leituras críticas dessa diferenciação.

¹³ O termo apátrida diz respeito ao indivíduo que perdeu a nacionalidade, a pertença a um Estado, portanto não possui nem identidade nacional, nem pátria. Para o refugiado não existe definição unívoca e a própria concessão do refúgio, ou asilo, depende da avaliação dos motivos que forçaram a migração (SEYFERTH, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste relato, observamos e discutimos como a relação Brasil e seus imigrantes recentes implica práticas complexas de língua/linguagem e de relações do entendimento do outro e de si pelas diferenças sociais, culturais, políticas, econômicas, locais-globais de modo ativo. Em se tratando especificamente das produções, graças ao advento das novas mídias, há a necessidade de um ‘novo olhar’ sobre a profusão de vídeos-reportagens e outras modalidades de textos. Usamos ‘novo olhar’ para apontar a preocupação em repensarmos a educação e a formação cidadã transcultural e digital.

O exercício constante de pesquisa, como esta de iniciação científica, possibilita-nos compreender como elementos textuais e discursivos convencionais significam e que, agora, no meio digital, articulam mutabilidade, mistura estratégica de recursos, ambiguidade e velocidade de propagação. Compreender as múltiplas práticas e relações que acontecem num determinado ambiente representa uma possibilidade de desenvolver um olhar sensível, crítico e revestido de teorias atualizadas às produções midiáticas.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. **O significado psicológico das cores no comportamento dos consumidores**. 2016. Disponível em: <<http://www.administradores.com.br/artigos/marketing/significado-psicologico-das-cores-no-comportamento-dos-consumidores/96306/>>. Acesso em: 27 de jun. 2017.

AZZARI, E. F.; LOPES, J. G. Interatividade e tecnologia. In: ROJO, R. (Org.). **Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

BAKHTIN, M. (Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. Tradução de Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira; com a colaboração de Lúcia Teixeira Wisnik e Carlos Henrique D. Chagas Cruz. 9. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

BRANDÃO, E. R. de M. **Publicidade on-line**: um estudo sob o ponto de vista do design gráfico e da ergonomia. 2006. Dissertação de Mestrado – Departamento de Artes & Design, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/biblioteca/php/mostrateses.php?open=1&arqtese=0410893_06_Indice.html>. Acesso em: 28 jun. 2017.

BRASIL. Ministério da Justiça. **Migrantes, apátridas e refugiados**: subsídios para o aperfeiçoamento de acesso a serviços, direitos e políticas públicas no Brasil. Secretaria de Assuntos Legislativos Brasília: Ministério da Justiça, Secretaria de Assuntos Legislativos (SAL): IPEA, 2015, 169 p.

_____. Ministério Público do Trabalho. **Migrações e Trabalho**. Brasília : Ministério Público do Trabalho, 2015, 236 p.

CANAGARAJAH, S. From Babel to Pentecost: postmodern glottoscapes and the globalization of English. In: FAAPI CONFERENCE, 30th, Argentina, Sep. 2005. **Towards the knowledge society**: making EFL education relevant. Argentina: British Council, 2005. p. 22-33

_____. **Translingual practice**. Global Englishes and cosmopolitan relations. London, New York: Routledge, 2013a.

_____. Introduction. In: CANAGARAJAH, S. (ed.) **Literacy as translingual practice: between communities and classrooms**. London, New York: Routledge, 2013b, pp. 1-10.

CANAL FUTURA. **Sala de Notícias - De braços nem tão abertos**. 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wEc8kXqcYE4>>. Acesso em: 14 jun 2017.

CERVETTI, G.; PARDALES, M. J.; DAMICO, J. S. A tale of differences: comparing the traditions, perspectives and educational goals of critical reading and critical literacy. **Reading Online**, v. 4, n. 9, apr. 2001. Disponível em: <http://www.readingonline.org/articles/art_index.asp?HREF=articles/cervetti/index.html>. Acesso em: 14 jun. 2017.

FREIRE, P. **Pedagogia da tolerância**. São Paulo: Editora da UNESP, 2005.

KRESS, G.; SELANDER, S. Multimodal design, learning and cultures of recognition. In: **The Internet and Higher education**, v. 15, nº 4, 2012, pp. 265-268.

MAIA, Junot de Oliveira. Novos e híbridos letramentos em contexto de periferia. In: ROJO, Roxane et al. (Orgs.). **Escol@ conectada: os multiletramentos e as TICs**. São Paulo: Parábola, 2013.

MENEZES DE SOUZA, L. M. T. Entering a culture quietly: writing and cultural survival in indigenous education in Brazil. In: MAKONI, S.; PENNYCOOK, A. (Eds.) **Disinventing and reconstituting languages**. Toronto: Multilingual Matters LTD, 2006, pp. 135-169.

_____. Para uma redefinição de Letramentos Críticos: conflito e produção de significação. In: MACIEL R. F; ARAUJO, V. A. (Orgs.). **Formação de professores de línguas: ampliando perspectivas**. Jundiaí: Paco Editorial, 2011, pp. 128-140.

MONTE MÓR, W. M. Multimodalidades e comunicação: antigas novas questões no ensino de línguas estrangeiras. **Revista Letras & Letras**, v. 26, n. 2, p. 469-476, jul./dez. 2010.

MOZDZENSKI, L. As configurações genéricas e multimodais do videoclipe. **Signo** (UNISC. Online), v.38, p.100 - 117, 2013. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/viewFile/3392/2559>>. Acesso em: 10 jun. de 2017.

NECKEL, M. **A prática de leitura da música popular brasileira e seus gêneros: uma abordagem interdisciplinar**. 2005. 150f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

SILVA, S. B. Letramentos críticos com texto visual - investigando caminhos na formação de professores para a contemporaneidade. In: ZACCHI, V. J.; STELLA, P. R. (Orgs.). **Novos Letramentos, formação de professores e ensino de língua inglesa**. Maceió: UFAL, 2014.

SEYFERTH, G. Imigrantes, estrangeiros: a trajetória de uma categoria incomoda no campo político. In: **Mesa Redonda Imigrantes e Emigrantes: as transformações das relações do Estado Brasileiro com a Migração**. 26ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 01 e 04 de junho de 2008, Porto Seguro, Brasil. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/mesas_redondas/trabalhos/MR%2012/giralda%20seyferth.pdf>. Acesso em: 28 de jun. 2017.

TAKAKI, N. H. Futebol, Linguagem e Sociedade. In: TAKAKI, N. H; MACIEL. R. F (Orgs). **Letramentos em terra de Paulo Freire**. 3. ed. Ampliada. Campinas: Pontes Editores, 2012.